



EXPEDIENTE

Para podermos dar completa publicação é interessante e bem elaborada estatística que o nosso estimavel amigo e collaborador o sr. João Ferreira Dias Guimarães Junior nos acaba de enviar, somos forçados a retirar algumas secções do nosso periodico.

A nosso ver, d'essa falta são amplamente compensados os nossos leitores pois que o trabalho do sr. Dias Guimarães Junior foi feito com a minuciosidade e estudo com que se costuma haver em trabalhos d'esta natureza e é sobremaneira digno de ser apreciado.

ESTATISTICA DOS INCENDIOS NO PORTO E VILLA NOVA DE GAYA

1881

Desde o 1.º de janeiro a 31 de dezembro de 1881, foram chamados para o Porto e Villa Nova de Gaya 119 vezes os socorros das companhias de incendios, sendo para :

Fogos de chaminé	11
Comêços de incendio	66
Incendios	26
Grandes incendios	4
Rebates falsos	12

A saber :

	VEZES
Janeiro	12
Fevereiro	5
Março	3
Abril	8
Maio	14
Junho	13
Julho	13
Agosto	14
Setembro	13
Outubro	10
Novembro	7
Dezembro	7

Estas 119 chamadas foram para os seguintes districtos :

	VEZES
Sé	3
Santo Idefonso	5
Orphãs	9
Campanhã	15
Bomfim	4
Santa Catharina	9
Aguardente	10
Paranhos	8
Lapa	12
Cedofeita	9
Palacio de Crystal	7
Carmo	4
Trindade	6
Praça de D. Pedro	14
Misericordia	1
S. Nicolau	1
Villa Nova de Gaya	6
Miragaya	1
Massarellos	1
Lordello	1
Foz	1

E para as seguintes ruas :

	VEZES
Rua d'Alegria	1
» do Almada	2
» d'Assumpção	1
» da Boa-Vista	2
» do Bomjardim	3
» dos Bragas	1
» do Bomfim	2
» Bella da Fontinha	1
» Chã	1
» dos Caldeireiros	1
» do Carvalhido	2
» do Costa Cabral	1
» de Cedofeita	2
» de Camões	1
» do Calvario	1
» da Duqueza de Bragança	1
» de Ferreira Borges	2
» Formosa	1
» dos Guindaes	1
» do Laranjal	4
» do Montebello	3
» do Moreira	1
» do Moinho de Vento	1
» de Miragaya	1
» Nove de Julho	1
» da Paz	1
» do Paraiso	1

Rua da Piedade	1
» da Ponte Nova	1
» da Porta do Sol	1
» de Passos Manoel	1
» da Rainha	2
» da Restauração	1
» da Rebolleira	1
» de Sá da Bandeira	2
» de Salgueiros	2
» do Souto	1
» das Tappas	2
» do Wellesley	1
» de Santa Catharina	1
» de Santo André	1
» de Santo Ildefonso	2
» de S. João	1
» de S. Lazaro	2
» de S. Roque da Lameira	1
» de S. Francisco	1
» de S. Dionísio	1
Viella de Liceiras	1
» das Pombas	1
Travessa dos Campos	1
» de Santa Catharina	1
» da Povoia	2
» de Val de Pégas	1
Escadas do Barredo	1
» do Forno Velho	1
Campo da Regeneração	1
» 24 d'Agosto	2
Praça do Bolhão	1
» de Carlos Alberto	2
» d'Alegria	1
» da Batalha	1
Largo dos Loyos	1
» do Viriato	1
» de Camões	1
Logar da Lomba	1
» do Monte	1
Corticeira	1
Povoia do Cima	3
Passeio da Graça	1
REBATES FALSOS	10

Villa Nova de Gaya

Rua do Estaleiro	1
» Direita	1
» de Santa Marinha	1
» do General Torres	2
» da Cruz	1
Logar da Fazendinha	1
Serra do Pillar	5
REBATES FALSOS	2

Lordello

Rua das Condominhas	1
-------------------------------	---

Foz

Rua de Carreiros	1
----------------------------	---

Calculam-se os prejuizos em 74:943\$000 réis, distribuidos do seguinte modo :

Janeiro	426\$000
Fevereiro	402\$000
Março	5:340\$000
Abril	1:191\$000
Maió	877\$000
Junho	148\$000
Julho	455\$000
Agosto	2:513\$000
Setembro	61:966\$000
Outubro	827\$000
Novembro	181\$000
Dezembro	617\$000

Distribuição dos prejuizos por qualidades de incendios :

Fogos de chaminé	14\$000
Começos de incendio	709\$000
Incendios	7:720\$000
Grandes incendios	66:500\$000

Os incendios declararam-se em :

Montes e bouças	14
Barracas	10
Barracões	3
Casas terras	22
» de 1 andar	20
» de 2 andares	22
» de 3 »	15
» de 5 »	1

E nos seguintes andares :

Subterraneos	1
Andares terreos	55
1. ^{as} andares	17
2. ^{as} »	4
3. ^{as} »	4
Aguas furtadas	1
Chaminés	11
Montes e bouças	14

Tendo-se manifestado nos seguintes estabelecimentos :

Mercerias	5
Padarias	6
Confeitarias	3
Drogarias	1
Pharmacias	1
Tanoarias	1
Lojas de fazendas	1
» de capellista	1
» de linho	1
» de louça	1
» de cereaes	1
» de Ship-Chandler	1
Officinas de sapateiro	1
» de latoeiro	1
» de fogueteiro	2
Fabricas de destillação d'aguardente	1
» de moagem de enxofre	1
» de phosphoros	1
» de fiacao e tecidos d'algodão	3
» de malha algodão	1
» de fundição	2
Casas de pasto	2
Hoteis	5
Armazens de vinhos	4
Depositos de madeira	1
Quarteis	1
Mercados	1
Bouças de matto	14
Ilhas	5
Casas em construcção	1
» de habitação	37

Attribuindo-se-lhe as seguintes causas :

Faúlas de estufa	1
» de formalha de caldeira	1
Fogueiras mal apagadas	2
Chamma de forno	2
Fogões mal apagados	7
» collocados proximo de tabiques	3
Fazendas a secar proximo do fogão	2
Brazas cahidas do fogão	2
Cinzas quentes	1
Faúlas de chaminé	1
Vellas esgotadas	3
» tombadas	1
» derramadas	2
Explosões de candieiros de petroleo	3
Candieiros de petroleo tombados	2
Candêas	2
Ferros de brunir roupa	2
Explosões de polvora	2
» de aguardente	1
» de verniz	1
» de gaz	2
» de caldeira de vapor	1
Attrito de engrenagem	1
Fogo d'artificio	2
Balão de papel	1
Imprevidencias com creanças	3
» com tabaco	2

Falta de limpeza nas chaminés	11
Supposição de fogo posto	4
Causas desconhecidas	89

Os incendios deram-se nos seguintes dias:

Segunda-feira	16
Terça-feira	9
Quarta-feira	12
Quinta-feira	14
Sexta-feira	19
Sabbado	15
Domingo	22

E ás seguintes horas:

Do meio dia á 1 hora da tarde	3
Da 1 ás 2 horas da tarde	6
Das 2 » 3 » » »	4
Das 3 » 4 » » »	2
Das 4 » 5 » » »	10
Das 5 » 6 » » »	6
Das 6 » 7 » » »	8
Das 7 » 8 » » » noite	3
Das 8 » 9 » » »	5
Das 9 » 10 » » »	8
Das 10 » 11 » » »	5
Das 11 á meia noite	1
Da meia noite á 1 hora da madrugada	2
Da 1 ás 2 horas da madrugada	3
Das 2 » 3 » » »	6
Das 3 » 4 » » »	4
Das 4 » 5 » » » manhã	2
Das 5 » 6 » » »	3
Das 6 » 7 » » »	4
Das 7 » 8 » » »	4
Das 8 » 9 » » »	4
Das 9 » 10 » » »	4
Das 10 » 11 » » »	14

Sendo por consequencia 66 incendios de dia e 41 de noite.

A bomba n.º 1 dos bombeiros voluntarios compareceu a 92 incendios, chegando:

	VEZES
Em 1.º lugar	22
» 2.º »	37
» 3.º »	31
» 4.º »	2

Os 22 incendios a que aquella bomba chegou em primeiro lugar, foram os seguintes:

- 1.º — Sabbado 15 de janeiro, ás 9 horas da manhã, rua do Laranjal n.º 165.
- 2.º — Domingo 16 de janeiro, ás 11 horas e meia da manhã, Corticeira.
- 3.º — Segunda-feira 17 de janeiro, ás 9 horas da noite, rua do Bomjardim, hotel Lisbonense.
- 4.º — Sabbado 5 de fevereiro, ás 8 horas da noite, rua do Laranjal n.º 188.
- 5.º — Sexta-feira 11 de fevereiro, ás 7 horas da noite, rua da Boa-Vista, ao Olho Marinho.
- 6.º — Sabbado 5 de março, ás 3 horas da madrugada, rua do Bomjardim n.º 382-386.
- 7.º — Quinta-feira 14 de abril, ás 3 horas da madrugada, rua do Laranjal n.º 26.
- 8.º — Terça-feira 18 de abril, ás 2 horas e meia da tarde, rua dos Bragas n.º 95.
- 9.º — Sexta-feira 6 de maio, ás 5 horas e meia da tarde, rua de Sá da Bandeira.
- 10.º — Quinta-feira 26 de maio, ás 11 horas e meia da noite, praça do Bolhão.
- 11.º — Segundo-feira 6 de junho, ás 8 horas e meia da manhã, viella de Liceiras n.º 74.
- 12.º — Quarta-feira 8 de junho, ás 4 horas da tarde, Povoá de Cima.
- 13.º — Quarta-feira 8 de junho, ás 11 horas da noite, rua de Sá da Bandeira.
- 14.º — Quarta-feira 15 de junho, ás 10 horas e meia da noite, rua d'Alegria n.º 301.

- 15.º — Quinta-feira 30 de junho, ás 9 horas e meia da noite, Campo 24 d'Agosto n.º 125.
- 16.º — Domingo 17 de julho, ás 7 horas e meia da tarde, Serra do Pillar.
- 17.º — Quarta-feira 20 de julho, ás 9 horas da manhã, Viella das Pombas.
- 18.º — Sexta-feira 6 d'agosto, ás 10 horas da noite, Largo de Camões.
- 19.º — Sabbado 17 de setembro, ás 5 horas da tarde, rua da Rainha.
- 20.º — Quarta-feira 26 d'outubro, ás 7 horas da manhã, rua do Almada n.º 240.
- 21.º — Sexta-feira 7 de novembro, ás 5 horas e meia da tarde, rua do Souto.
- 22.º — Domingo 11 de dezembro, ás 3 horas e meia da tarde, rua de Camões n.º 38.

Dos 107 incendios occorridos, 12 foram extintos pelos vizinhos, inquilinos, patrulhas, etc., e aos 95 restantes compareceram as bombas, chegando em primeiro lugar:

	VEZES
A bomba n.º 1 dos bombeiros voluntarios	22
» » » 1 municipal do Porto	5
» » » 2 » » »	3
» » » 3 » » »	10
» » » 4 » » »	5
» » » 5 » » »	5
» » » 6 » » »	10
» » » 7 » » »	11
» » » 8 » » »	4
» » » 9 » » »	1
» » » 10 » » »	2
» » » 11 » » »	7
» » » 1 » de Gaya	10
» » » 2 » » »	

Dos 95 incendios occorridos aos quaes compareceram as bombas, só 35 foram extintos por ellas, tendo trabalhado:

	VEZES
A bomba n.º 1 dos bombeiros voluntarios	8
» » » 2 » » »	1
» » » 1 municipal do Porto	2
» » » 2 » » »	1
» » » 3 » » »	6
» » » 4 » » »	4
» » » 5 » » »	
» » » 6 » » »	5
» » » 7 » » »	6
» » » 8 » » »	3
» » » 9 » » »	
» » » 10 » » »	1
» » » 11 » » »	4
» » » 1 » de Gaya	9
» » » 2 » » »	

Nos 35 incendios que foi necessario trabalhar as bombas:

28 foram extintos por 1 bomba	3 » » » 2 bombas
2 » » » 3 »	1 » » » 4 »
1 » » » 6 »	

Os bombeiros voluntarios distribuiram 4:186 senhas aos aguadeiros e particulares e mais 600 senhas emprestadas pelos bombeiros municipaes, o que equivale a 76:576 litros d'agua consumida pelas suas bombas.

Aquellas bombas que primeiro chegaram ao local do sinistro, percorreram na ida e volta a distancia de 74 kilometros e 200 metros, divididos da seguinte fórma:

As bombas dos bombeiros voluntarios	28,000
A bomba n.º 1	1,900
» » » 2	700
» » » 3	5,500
» » » 4	1,800
» » » 5	2,800
» » » 6	5,100
» » » 7	5,800
» » » 8	1,500
» » » 9	1,200
» » » 10	5,000
» » » 11	3,800
As bombas de Gaya	11,100

As bombas dos bombeiros voluntarios tendo comparecido a 92 incendios, percorreram na ida e volta a distancia de 147 kilometros e 600 metros ou 29 leguas e meia; a bomba e pessoal demorou-se na extincção dos incendios 112 horas.

Morreram tres homens por effeito de queimaduras recebidas nos incendios.

Durante o anno deram-se os seguintes incendios dignos de menção:

13 DE MARÇO—Às 2 horas da madrugada, rua Direita, em Villa Nova de Gaya, padaria de Caetano Pinho da Silva. Trabalharam na extincção 4 bombas.

6 DE AGOSTO—Às 4 horas e meia da madrugada, em Villa Nova de Gaya, tançaria de Antonio da Silva Barrosa. Trabalharam na extincção 3 bombas.

1 DE SETEMBRO—A' meia hora da tarde, rua do Bomfim n.º 188, officina de fogueteiro de Francisco José de Figueiredo. Trabalharam na extincção 2 bombas.

27 DE SETEMBRO—A' meia noite, na rua da Rebolleira, loja de Ship Chandler de Martins & Thompson. Arderam tres predios. Trabalharam na extincção 6 bombas.

J. F. D. G. J.

O serviço de incendios

(Continuado do n.º 3).

CLASSIFICAÇÃO DO PESSOAL

A efficacia ou deficiencia de uma companhia de incendios depende tambem em grande parte ou quasi exclusivamente da classificação do seu pessoal; mas, infelizmente, poucas ou quasi nenhuma vez se atende a essa circumstancia e por isso não raras vezes se vê individuos occupando cargos para os quaes não possuem as indispensaveis habilitações, o que dá em resultado não poderem corresponder ao fim a que são destinados.

N'este paiz de empenhos e compadrio não admira que tal succeda, porque é vicio que está por tal forma enraizado no animo de todos, que já se não attende aos merecimentos de cada um, mas simplesmente ao empenho mais ou menos valioso que apresente. A politica, igualmente, mas a politica de arranjos, é tambem o melhor canal ou recommendação para qualquer obter um posto ou mudança de classe, muito embora se prejudique com isso o serviço e se vá preterir um outro que offereça melhores garantias.

N'esta usurpação de direitos são conniventes os chefes ou commandantes das companhias, posto que involuntariamente, mas no entretanto forçados pela necessidade, porque, se se oppozerem, corriam o risco de perder o logar. Por isso, tendo de escolher entre a indignidade de commetterem uma injustiça e a perspectiva da perda de uns tantos reis, optam pela primeira, nomeando aquelles que lhe são impostos e rejeitando os outros que tinham todo o direito.

N'estas circumstancias, muito embora o chefe seja intelligentissimo e perfeitamente conhecedor do serviço a seu cargo, não poderá, por mais esforços que empregue, tornar a sua companhia tão perfeita e exem-

plar como poderia, se lhe consentissem guiar-se unicamente pela justiça e pelo direito.

Na capital, onde a politica não se tem entremetido com o serviço de incendios e onde existe um chefe com dignidade bastante para se não curvar a imposições d'essa ordem, são os logares providos justamente por aquelles que os deveriam occupar. Não acontece, porém, assim na quasi totalidade das outras companhias de incendios que abundam no paiz e a maior parte das quaes nem deveriam ser consideradas como taes, porque não basta possuirem um uniforme mais ou menos garrido, para que adquiram esses fóros; é preciso que a sua boa organização, ordem e disciplina lhes conquistem essa honra.

Claro está, pois, que da boa ou má classificação do pessoal deverá resultar o engrandecimento ou decadencia das companhias, a sua efficacia ou inutilidade. Não basta ser-se robusto, corajoso e destemido para que um quidam qualquer se julgue com direito e habilitações para qualquer dos cargos; é necessario que a essas qualidades, allie bom comportamento, e muitos outros predicados conforme o posto para que fôr destinado.

Entre o mandar e ser mandado medeia uma enorme distancia e nem sempre aquelle, que sabe executar com promptidão e acerto as ordens que lhes são transmitidas, está nos casos de poder mandar tambem. O mesmo succede com aquelles que estando nos casos de poderem mandar, seriam incapazes e inhabeis para poderem executar essas ordens.

Ora, não se atendendo a nenhuma d'estas differenças, não sendo a escolha feita com justiça e imparcialidade, aproveitando cada um para o cargo que mais compativel se torne com a sua indole e habilitações, como havemos de querer que uma companhia de incendios atinja logar distincto e corresponda com proveito ás necessidades locais?

Penham de parte a politica, o compadrio e a vingança mesquinha, colloquem á frente das companhias um chefe digno e honesto, conhecedor da profissão e sobretudo justiceiro e de certo as classificações serão sempre feitas com mais acerto, circumstancias importantes para o engrandecimento de qualquer companhia e garantia segura contra a sua decadencia.

Recebemos do sr. João José Pereira Dias, de Vianna do Castello, a seguinte carta:

Sr. redactor:—Persuadido de que o artigo que v. publicára em o n.º 1 do *Bombeiro Portuguez* acerca do serviço de incendios era da responsabilidade da redacção, tomei a liberdade de lhe escrever a carta a que v. teve a delicadeza de dar publicidade em o n.º 2, ao que me confesso eternamente agradecido.

N'essa occasião declarou v. que o artigo não era da redacção, e que deixava ao seu auctor o encargo de me responder.

A resposta appareceu effectivamente em o numero seguinte. Como porém o seu *corajoso* auctor se arregaçou demais para a escrever, e eu não posso, porque não sei, acompanhal-o no terreno a que desceu, dispenso-me de lhe dar mais explicações, que, de resto, seriam até perfeitamente desnecessarias.

Não devo todavia deixar de responder ás delica-

das observações de que v. fez preceder aquella minha carta.

No alludido artigo faziam-se censuras a quasi todas as companhias de bombeiros da provincia por não terem methodo de ensino, deixando a instrucção completamente ao arbitrio e capricho dos commandantes; e v. entende que eu não devia tomar aquellas censuras como dirigidas aos bombeiros voluntarios de Vianna, porque não vinha isso expressamente declarado no artigo.

É certo que se não especialisava a corporação do meu commando; mas tambem, como v. reconheceu, se não exceptuava. E sabendo eu que no Porto chamam da provincia a tudo quanto é de fóra d'ahi e de Lisboa, como n'esta ultima cidade dão o mesmo nome a tudo que não é da capital, entendi que na expressão *bombeiros da provincia* não podiam deixar de ser incluídos os bombeiros voluntarios de Vianna; e por isso accudi a repellir censuras, que me pareciam mal cabidas.

Que faria v. sr. redactor, se n'um jornal de Lisboa apparecesse, por exemplo, a seguinte affirmativa: «as redacções de quasi todos os periodicos da provincia são pouco escrupulosas na escolha dos seus collaboradores, que nem sempre teem a competencia e urbanidade precisas para escrever para o publico»? V., se o jornal lhe merecesse alguma consideração, certamente accudiria logo a defender-se, se porventura julgasse em sua consciencia que não era merecedor de tal censura. Pois foi exactamente o que eu fiz, porque tambem v. me merecia muita consideração, e eu, como já disse, suppunha que o artigo era da exclusiva responsabilidade de v..

Teria eu porém direito a repellir uma tal censura?

Parece-me que sim. Quando um certo numero de cidadãos se associam para um fim tão humanitario como o nosso, e procuram tão conscienciosamente pre-cuchel-o; quando se mostra tanto desejo de acertar, pondo-se o maior cuidado na organização do serviço, confeccionando-se os estatutos e regulamentos de accordo com o que ha de melhor nas corporações analogas do paiz ou do estrangeiro e procurando supprir pelo estudo as deficiencias que se encontram; entregando-se a escolha do material a pessoas competetissimas; e finalmente quando se procura, por um estudo consciencioso e por uma pratica esclarecida e intelligente, obter a instrucção necessaria para a consecução do fim que se tem em vista, não se póde, nem se deve, ser censurado, ainda quando se não tenha completamente obtido esse *desideratum*.

Assim o teem comprehendido os habitantes d'esta formosa cidade do Minho e as companhias de seguros contra incendios, que teem accudido a prestar-nos o seu valioso auxilio todas as vezes que temos tido necessidade de lh'o sollicitar.

A nossa organização racional e systematica, baseada sobre os principios scientificos da divisão do trabalho e da disciplina hierarchica; o escrupulo com que foi escolhido o nosso material, parte pelo dignissimo commandante dos bombeiros voluntarios do Porto, parte pelo muito competente inspector geral dos incendios de Lisboa; e o cuidado com que procuramos augmentar a nossa instrucção theorica e pratica, dão-nos direito a repellir quaesquer censuras em que seja taxado de arbitrario, caprichoso e desordenado o nosso methodo de organização e ensino.

Poder-se-ia perguntar se era eu o competente para repellir essas censuras. V., com a attenção e de-

licadeza de que usa, não m'o perguntou. Por isso eu tambem lhe não perguntarei pela competencia do censor. Dir-lhe-hei simplesmente que, na minha qualidade de chefe da corporação, era eu quem tinha a restricta obrigação de a defender.

Por ultimo, permitta-me v. que responda a um outro ponto das suas considerações. Diz v. que não ha n'essa redacção quem possa responder á minha carta, porque ninguem ali conhece a nossa org an o modo por que aqui é ministrada a instrucção. Concedo que assim fosse até á data em que eu escrevi essa correspondencia; mas desde que eu apresentei os traços principaes da nossa organização e expuz succintamente o nosso methodo de ensino, tem v. os dados mais que sufficientes para apreciar uma e outra.

Terminando, reitero os protestos da minha sincera gratidão pelo favor da publicação da minha primeira carta, e espero dever-lhe mais o obsequio da publicação d'esta n'um dos proximos n.ºs do jornal, e sou com toda a consideração.

De V.

att.º v.ºr e cr.º obr.ºº

João José Pereira Dias.

Vianna do Castello
10 de maio 1882

Chronica quinzenal

Peor, muito peor, que a falta de assumpto é a superabundancia d'elle.

Revolvem-se-nos desordenadamente no cerebro as reminiscencias de muitos factos acontecidos que temos de trasladar para o papel e as folhas da nossa carteira apparecem sarapintadas de varios hieroglyphicos, que são outras tantas notas, escriptas á pressa, para nos servirem de base na confecção da chronica d'este periodico. E depois, como se não fosse já esmagadora a grande copia de successos que reclamam de nós ao menos meia duzia de palavras, agrava o nosso estado desesperador a circumstancia de, pelas exigencias de expediente, termos que fazer um *compte-rendu* mensal, visto que o nosso ultimo numero foi todo consagrado á solemnisção d'uma das maiores glorias lusitanas.

Em taes condições, somos forçados a usar de estylo telegraphico e a redigir a nossa secção a *vão de passara*, parodiando o titulo da obra de madame Rattazzi—uma *soi-disant* princeza exotica e ridicula.

*

* *

Surprehendentes, magnificas, assombrosas foram as festas com que o Porto commemorou o centenario do marquez de Pombal.

A inauguração da *Philantropico-Academica*, o passeio no rio Douro, o sarau litterario-musical, a recita no Baquet com o drama *Os lazarisistas* e principalmente o cortejo civico, tudo se realisou conforme o programma elaborado pelos academicos.

O grande cortejo, mal que peze a uns ruins in-vejosos que affirmavam dias antes que seria *chinfim*,

foi, bem ao contrario, o acto mais imponente e magestoso que esta cidade tem presenciado. Aquelles milhares de pessoas caminhando grave e respeitosa-mente, o esplendor dos carros de honra apresentados pelas diversas corporações, a riqueza e magnificencia dos estandartes e pendões davam um caracter deslumbrante a essa demonstração popular. Ninguém deixou de contribuir com a sua presença para o abrilhantamento d'ella, desde as entidades mais respeitaveis do Porto até ás mais modestas, e todas confraternisaram no elevadissimo preito rendido ao illustre estadista.

Foi um verdadeiro triumpho a passagem do cortejo pelas ruas dos Clerigos, Santo Antonio e Santa Catharina. As damas, que adornavam encantadoramente as janellas, ostentando os primores da sua fresca formosura, cobriam-nos com uma chuva de rosas que nos eram lançadas com requintada galanteria, recebendo em paga os *hurrahs* mais phreneticos, as aclamações mais entusiasticas.

Ouviam-se repetidamente gritos de *vivam as senhoras do Porto!*, e os animos electrizavam-se, e atroava-se o ar com as notas arreatadas do delirio, e crescia sempre, sempre, a effervescencia dos corações ardentes que se inflammavam á vista de espectáculo tão sublime.

Uma verdadeira maravilha, que deixou desconcertados e confundidos os que, na falta de melhores argumentos, oppunham motejos e zombarias ás tentativas louvaveis d'essa pleiade de rapazes que mostraram interessar-se pelos resplendores da historia portugueza.

O clericalismo canalha não pôde assistir impassivel e constricto ao testemunho de sentimentos liberaes tão incondicionalmente offerecido pelo povo e appareceu tambem expellindo a provocação anonyma e o insulto soez para o meio de todos os honestos que não acompanham os sectarios do jesuitismo na sua afanosa e infamante tarefa de corruptores das consciencias. Em má hora se lembraram os imbecis de arrostar com a torrente impetuosa, porque após o solemne protesto de 8 de maio feito na praça do marquez de Pombal pelos estudantes e o *meeting* verificado no dia 11 no salão da sociedade Euterpe, os hypoeritas retrataram-se covardemente, dando a mais completa satisfação aos offendidos. São assim sempre que sentem o tagante pender-lhes ameaçador sobre as costas: activos e orgulhosos quando ferem traiçoeiramente, fracos e humildes logo que lhes exigem a responsabilidade do que escrevem.

*
* *

Pombal e os jesuitas é o titulo d'uma poesia que em folheto nos offertou o sr. Abilio Maia, a quem agradecemos o seu delicado favor.

Tem versos bem trabalhados e foi a collaboração do poeta na grande obra do centenario pombalino.

—Do sr. Domingos Agostinho de Souza, distincto alumno do 3.º anno medico, recebemos tambem, com reconhecimento, um opusculo intitulado *O Marquez de Pombal*, que é um estudo consciencioso e bastante desenvolvido ácerca das medidas economicas do glórioso ministro.

Em phrase lhana o sr. Agostinho de Souza aprecia o systema financeiro de Sebastião de Carvalho, e combate a opinião de muitos dos seus biographos que julgaram erradamente das disposições tomadas por elle

para fomentar a industria, o commercio e a agricultura.

*
* *

Temos receio de entrar na chronica de theatros, porque a impossibilidade de darmos uma relação circumstanciada de todos os espectaculos que se realisaram impõe-se á nossa vista como irremediavel.

Durante todo o inverno estivemos condemnados a ouvir constantemente a sr.^a Aurelia dos Santos na canção burrical da *Filha do Tambor-mór* e a sr.^a Palmyra nas gemebundas *tirades* do *Pedro* e da *Sereia*.

De repente visitam-nos nada menos de tres companhias, a do Gymnasio, a de D. Maria, e a de opera italiana, e animam-se os theatros quasi na epoca em que as exigencias da temperatura nos convidavam a abandonal-os.

Vamos por partes.

A companhia do Gymnasio com um repertorio muito pouco variado, o que até certo ponto explica a escassa affluencia do publico, offereceu-nos no Principe Real *A voz do sangue*, *Divorciamo-nos*, *O Saltimbanco*, *O Bebê*, *O juiz*, *O dinheiro do anão*, e *As duas orphãs*, além de algumas comedias de tão pouco merecimento que nem vale a pena fallar n'ellas.

Divorciamo-nos é uma delicadissima comedia de Victorien Sardou, á qual nunca tinhamos visto outra que se lhe podesse comparar.

O auctor apresenta uma these que combate denodadamente n'aquelles tres actos scintillantes, valendo-se de situações naturaes e verosimeis e engrinaldando o entrecho com uma linguagem aprimorada e finalmente caustica. Prova Sardou á mulher leviana que o divorcio é inefficaz para lhe dar a felicidade quando prefere deshonestamente o amante ao marido, e conduz a acção com tanta pericia que lhe mostra no fim da comedia que o attractivo existe sómente para ella nos obstaculos que estorvam a realisação dos seus sonhos.

D'este modo, Cypriana, esposa de Des Prunelles, que accieita os galanteios do primo Adhemar, um *petit-maitre* enfatuado, segue com interesse passo a passo a discussão da lei do divorcio travada nas camarás francezas e logo que o marido, servindo-se d'uma noticia falsa sobre o resultado da votação, lhe annuncia que está prompto a divorciar-se d'ella, por mutuo acôrdo combinado na melhor harmonia, Cypriana já se não quer separar de Des Prunelles e encontra-o mais espiritoso, mais fino, mais meigo do que o proprio Adhemar ao qual momentos antes ella ardentemente desejava unir-se.

Os dous primeiros actos são admiraveis; o terceiro muito inferior a qualquer d'elles.

Diz-se que a comedia é excessivamente livre. Assim parecerá a muitos, mas na verdade os dios maliciosos que saltam de continuo nos dialogos estão tão engenhosa e subtilmente formulados que os ouvidos mais castos não devem sentir-se feridos por elles. E depois não sabemos que escrupulos seja licito levantar quando todas as noutes o theatro Principe Real se enche de senhoras para escutarem a leitura do 3.º artigo do codigo das *mascottes* e assistirem no ultimo acto d'esta opereta á indecisão de Pippo em arrancar á noiva o ramo de laranjeira, e posteriormente á sahida de Bettina, pallida e de fundas olheiras, do quarto nupcial.

Quanto ao desempenho da comedia, foi elle de-
vêras notavel.

Polla (Des Primelles), inconstitadamente o pri-
meiro *diseur* do nosso theatro, interpretou o seu papel
d'uma maneira muito superior a todos os elogios que
se lhe possam fazer. Beatriz, artista gentil e de talento,
deu ao typo de Cypriana um relevo por vezes irrepre-
hensivel, e foi muito feliz em algumas scenas. Diniz
(Adhemar) conduziu-se regularmente: tem feito pro-
gressos, mas carece ainda de cuidar e de ser conveni-
entemente dirigido por um ensaador habil. Os res-
tantes foram de pouca utilidade de applauso.

Passemos ao theatro Baquet.

O sr. D. Juan Molina, empresario hespanhol, veio
com uma companhia lyrica dar-nos algumas represen-
tações. Fazem parte d'ella Franchini e Cantoni, teno-
res; Farvaro, barytono; Escalante, primeiro soprano;
Romeldi e Herz, segundos sopranos ligeiros; Pergo-
lani, contralto; e Ulloa, basso, além d'um corpo de
coristas.

Como se vê, ha cantores já considerados pelo
publico portuense. Esta circumstancia, reunida á da
modicidade dos preços de entrada e ao empenho mos-
trado pela empreza em quasi nunca repetir as operas
que põe em scena, faz com que as enchentes se contem
pelo numero das recitas.

Visto que, como prevenimos, dispomos de limi-
tado espaço, emitiremos a nossa opinião sobre os ar-
tistas da *troupe*, eximindo-nos ao trabalho de os jul-
garmos separadamente em cada opera, conforme era
nosso dever.

Franchini e Escalante, antigos conhecidos dos *di-
lettanti*, mostram pequena differença relativamente aos
tempos em que os ouvimos no S. João. Ao primeiro,
um pouco mais cansado, vela-se-lhe frequentemente
a voz nas notas graves; a segunda pareceu-nos até
melhor.

Farvaro é, e será sempre, o cantor correcto e
distincto que, apesar de seguir uma escola antiquada e
ser dominado pela fadiga, consegue arrancar applausos.

Romeldi possui voz curta, mas agradável: phrasêa
bem e no *pianissimo* extrahе umas notas agudas cui-
dadosamente limpidas. Sem methodo de canto, pena é
que se permitta umas certas liberdades e alterações
na musica que a prejudicam sensivelmente, porque
Romeldi deve convencer-se de que as manifestações de
agrado que tem recebido são causadas mais pela be-
nevolencia da plateia do que pelos merecimentos reaes
da cantora.

Voz volumosa, sã, extensa e bem timbrada, taes
são os predicados com que Herz nos appareceu:
auspiciamos-lhe para o futuro uma carreira brilhante,
mas carece de aprender o muito que ignora.

De Cantoni, Ulloa e Pergolani nada diremos,
certos de que lhes prestamos um eminente serviço.

As operas cantadas até hoje tem sido *A Favo-
rita*, *Maria de Rohan*, *O Trovador*, *O Rigoletto* (es-
treia de Romeldi), *A Lucia*, *A Sonnambula*, *Um baile
de mascarar* (debute de Herz), *Hernani*, *A Linda* e
o Fausto.

O *Rigoletto*, a *Linda*, exceptuando o barytono,
e o *Fausto* fizeram fiasco.

A companhia do theatro de D. Maria II, de Lisboa,
encontra-se presentemente no Principe Real, onde todos
concorrem a extasiar-se diante dos primeiros artistas
dramaticos do nosso paiz. Com *A Princeza de Bagdad*,
a Odette, *a Sociedade onde a gente se aborrece*, *A
Estrangeira* e *a Familia Fourchambault*, deu ao pu-
blico noutes apraziveis e de agradável passatempo.

A Sociedade onde a gente se aborrece, traduzida
do *Le monde ou l'on s'ennuie*, de Pailleron, é uma delicio-
sa comedia festejada pela imprensa de todas as nações
em que ella se tem representado. E de facto mal se
concebe que exista producção mais portentosa do que
essa *charge* a um mundo contrafeito e postico. Não se
póde descrevel-a, nem critical-a; é um prodigio.

No desempenho, primoroso como de costume,
distinguiram-se Gertrudes, uma actriz de fulgurante
talento que não acha quem a substitua, Rosa Damas-
ceno, que realisa perfeitamente o typo da joven ena-
morada e irrequieta, Emilia dos Anjos, á parte alguns
senões que afeciam o seu trabalho, Brazão, que foi
admiravel em a scena da declaração de amor no 3.º
acto, Virginia, João e Augusto Rosa.

Se o leitor ainda não viu esta comedia, vá ao
Principe Real e dispense-nos da obrigação de estar a
encarecel-a.

*
* *

Em artigos firmados com o pseudonymo mytho-
logico de Pilades e Orestes tem um jornal d'esta ci-
dade criticado asperamente muitos trechos das publi-
cações dedicadas á memoria do marquez de Bombal.
Entre elles incluiu os escriptos com que honraram este
periodico os srs. Pereira Caldas e dr. Manoel Emydio
Garcia.

Não temos procuração dos nossos distinctos col-
laboradores para responder aos humorismos do en-
graçado commentador, mas diremos duas palavras.

Elle transcreve as quadras do sr. Pereira Caldas,
alterando-as *lealmente*; com o texto assim deturpado,
chama-lhe massador *de eternas luminarias* (o italico
é nosso) e recorda-se do fadinho.

Respeitemos as saudades do articulista.

Ao sr. dr. Emydio Garcia, um dos cathedra-
ticos mais doutos da Universidade, Pilades e Orestes quasi
lhe aconselham o estudo da historia portugueza e prom-
ptificam-se a ser mestres de quem os nobilitaria muito
admittindo-os como discipulos.

Vaidades.

E vá sem replica.

13 de maio

Iberus.

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

Preço da assignatura (adiantado)

(Reino)

Trimestre	350 réis
Semestre	700 "
Anno	19400 "

(Estrangeiro)

Trimestre	600 réis
Semestre	1200 "
Anno	24000 "

Escriptorio, rua da Rainha n.º 95.

ANNUNCIOS

BIBLIOTHECA ROMANTICA PORTUENSE

RUA DO ALMADA, 347 E RUA DE SANTO ILDEFONSO, 394

Porto

UMA INSCRIÇÃO DE 100\$000 RS. A' SORTE PELA LOTERIA DE LISBOA

BRINDES A TODOS OS ASSIGNANTES

VALIOSOS BRINDES AOS ANGARIADORES

O REI DA SERRA MORENA

POR

D. MANOEL FERNANDES Y GONZALEZ

(Tradução livre)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

O Rei da Serra Morena será publicado ás folhas de 8 pa-

ginas e ornado de primorosas estampas em chromo, impressas em papel superior.

Preço de cada folha de 8 paginas 10 rs.; cada estampa 10 rs.

No Porto e Lisboa distribuir-se-ha semanalmente, com a maxima regularidade, um fasciculo de 48 paginas, ou 40 e uma estampa, pelo modico preço de 60 réis cada fasciculo, pago no acto da entrega.

Para as provincias a expedição será feita aos fasciculos de 88 paginas e uma estampa, custando cada fasciculo, franco de porte, 120 réis, pago adiantadamente.

Os snrs assignantes que enviarem quantias não inferiores a 15000 réis, receberão na volta do correio aviso de recepção, ficando por este modo certos de que não houve extravio.

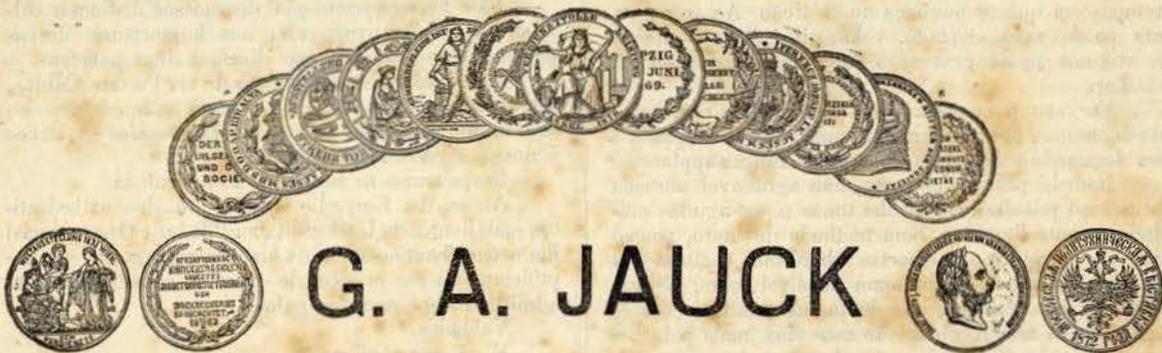
Para as provincias não se enviará fasciculo algum sem que previamente se tenha recebido o seu importe.

Quem angariar 10 assignaturas terá um exemplar gratis.

CORRESPONDENTES

A empresa considera correpondentes todas as pessoas que se responsabilisarem por um certo numero de assignaturas não inferior a 10; os snrs. correspondentes gosarão o beneficio de 20 0/0, sendo o porte á custa da empresa.

As pessoas que desejarem assignar deverão remetter, com a maior brevidade, este prospecto, devidamente preenchido, ao administrador do Bombeiro Portuguez. Rua da Rainha n.º 95.



G. A. JAUCK

LEIPZIG

FABRICANTE DE BOMBAS E APPARELHOS CONTRA INCENDIOS

Unico agente em Portugal, Guilherme Gomes Fernandes & C.^a, rua do Sá da Bandeira n.º 116—PORTO.